

Batalha em defesa do Forte São Marcelo

MUSEU NÁUTICO
Projeto é uma
forma de salvar
a fortaleza
da degradação

JOSÉ BOMFIM

Considerado por muitos anos como o guardião da Cidade da Bahia, o Forte São Marcelo — construído em 1650 —, emoldurado pelas águas da Baía de Todos os Santos, é mais do que uma notável obra da engenharia militar do período colonial brasileiro. Pouquíssimos, porém, têm o privilégio de visitar a fortaleza marítima. Passou por reformas, foi depredado várias vezes e só não está em piores condições porque dois dom quixotes, sonhadores, fazem o papel de heróis para salvar este patrimônio. O primeiro, José Aureliano de Jesus, mais conhecido como José de Petú, decidiu morar no local, que andava entregue a traficantes de drogas e aliciadores de menores, há seis anos. Temido por todos que o conhecem ou sabem de sua fama, José de Petú botou ordem na casa e pagou a promessa indo e voltando a pé a Monte Santo (a 352 quilômetros de Salvador). O outro, é o coronel do Exército Anésio Ferreira Leite, presidente da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf).

Os dois têm o mesmo objetivo: salvar o Forte São Marcelo. Seus métodos são diferentes. José de Petú sonha em ver a fortaleza limpa, à disposição do povão. “Isto é nosso, não é de governo nenhum. Todos temos os mesmos direitos. Não aceito tornar o forte um lugar para se ganhar dinheiro”, revela seu ideário. O coronel Leite conseguiu a parceria da Prefeitura Municipal de Salvador para emplacar com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) projetos — com participação da Fundação Gregório de Mattos — que pretendem transformar a fortaleza num local de visitação, com restaurante, bar e outros itens do gênero, e também em um museu náutico.

Segurança

Para o coronel Leite, independentemente de se colocar novos equipamentos, o Forte São Marcelo já poderia estar aberto para visitação pública, desde que se colocasse pelos menos dois seguranças atuando 24 horas por dia; instalasse sanitários e reinstalasse a fiação elétrica, que foi roubada há mais de dez anos. Também seria fundamental a colocação de embarcação para transportar os visitantes do Centro Náutico (em frente ao Mercado Modelo), por um preço módico. O barco *Bavi* cobra, atualmente, R\$ 50 por um percurso que não dura mais que dez minutos de ida e volta.

Há dois anos, quando a Abraf, o Iphan (atual administrador do patrimônio) e a Prefeitura de Salvador assumiram o projeto de revitalizar o forte, foi construído o píer que facilita o acesso das pessoas. “No mesmo período, já conseguimos com a Embasa trazer água potável para o Forte”, frisa o coronel Leite. Para ele, “a Baía de Todos os Santos, a segunda maior baía do mundo, ainda não foi descoberta”. No fundo da



Foto: Gildo Lima

Construído sobre bancos de areia na Baía de Todos os Santos, o forte resiste ao abandono

baía, mais de 100 navios naufragados ao longo de 500 anos têm seus tesouros históricos tirados por pessoas que querem apenas ganhar uns trocados.

“Há pouco, em Amsterdã, na Holanda, foi arrematado em leilão um astrolábio, por 250 mil dólares. A peça era do Galeão Sacramento, que naufragou na Baía de Todos os Santos em 1668. A pessoa que tirou o astrolábio deve ter ganho quanto pela peça?”, questiona o coronel Leite, ressaltando que a Bahia está perdendo obras históricas.

Posição oficial

No dia 25 de abril, último, houve uma reunião no Palácio

Thomé de Souza, quando o presidente do Iphan, Carlos Henrique Heck, admitiu que o forte seria aberto à visitação pública brevemente, sob a responsabilidade da Prefeitura de Salvador e de organizações não-governamentais, como a Convention Bureau de Turismo e a Associação de Comerciantes da Cidade Baixa, além do órgão estadual Conder.

“Existem graves lesões nas fundações do forte e a realização de intervenções é importantíssima”, disse Carlos Henrique, apresentando ao prefeito Antonio Imbassahy as sugestões do Iphan. “Como administrador desta cidade, quero dar esta colaboração à população e aos turistas a possibilidade de conhe-

cer um patrimônio de suma importância para a nossa história”, prometeu o prefeito.

Ambos decidiram que o prazo para transformar o forte em um centro cultural e de visitação pública deve ser mais curto. Para isto, Iphan e prefeitura devem reunir seus representantes mais vezes. O coronel Leite acredita que o caminho seja este. Ele explica que a Abraf também busca parcerias com entidades privadas ou do governo federal, como a Petrobras. Há dois anos, a Petrobras topou a parceria, mas em troca queria colocar uma placa fazendo seu *marketing* no forte. O Iphan não concordou com a placa e a Petrobras não prosseguiu com a negociação.